

Fé no indivíduo: aproximações entre o projeto econômico de Paulo Guedes e a ética neopentecostal

Filipe Senos dos Santos^I

Resumo: O artigo procura investigar a relação entre dois importantes eixos presentes na sociedade brasileira contemporânea: o primeiro trata do projeto econômico de Paulo Guedes, o Ministro da Economia do governo de Jair Bolsonaro; o segundo refere-se à ética econômica produzida a partir da Teologia da Prosperidade, um pensamento religioso difundido em igrejas neopentecostais. Nesse sentido, busca-se fazer uma análise em bases weberianas, investigando-se as relações entre as esferas religiosa e econômica. Para isso, serão analisadas algumas ideias de Paulo Guedes e de duas das maiores referências protestantes no Brasil: o Bispo Edir Macedo e o Missionário R.R. Soares. A hipótese central reside na ideia de que os dois eixos estudados são baseados no individualismo. Essa convergência aponta para a construção de um modelo socioeconômico de características neoliberais no Brasil.

Palavras-chave: Paulo Guedes; Teologia da Prosperidade; neoliberalismo; Edir Macedo; R.R. Soares.

Faith in the person: approaches between Paulo Guedes economics and neo-pentecostal ethics

Abstract: The article investigate the relation between two important axes present in contemporary Brazilian society: the first deals with the economic project of Paulo Guedes, the Minister of Economy of the government of Jair Bolsonaro; the second deals with economic ethics produced from Prosperity Theology, a religious thought that is widespread in Protestant churches, especially neo-Pentecostal churches. In this sense, the research is based on the Weber theory, making a investigation about the relations between religion and economy. For this, some ideas from Paulo Guedes and two of the most important Protestant references in Brazil will be analyzed: R.R. Soares and Edir Macedo. The central hypothesis is about idea that the two axes studied are based on individualism and this convergence points to the construction of a socioeconomic model compatible with the development of neoliberalism in Brazil.

Keywords: Paulo Guedes, Theology of Prosperity, neoliberalism, Edir Macedo, R.R. Soares

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPPE SENOS DOS SANTOS

Introdução

Nas ciências sociais, as relações entre religião e economia são exploradas de maneira paradigmática na obra do sociólogo alemão Max Weber. Em sua tentativa de compreender o funcionamento do capitalismo moderno, Weber enxerga na esfera religiosa um objeto de estudo imprescindível. Dessa maneira, a religião produz determinada ética que, por sua vez, ajuda a explicar o funcionamento da economia de uma sociedade. Assim, interessava-lhe investigar as tensões e afinidades possíveis entre as esferas econômica e religiosa. Considerando que há éticas religiosas mais compatíveis com o capitalismo moderno do que outras, seria possível entender porque esse sistema econômico se desenvolveu em certas sociedades de maneira que não ocorreu em outras. Portanto, a prática social construída a partir da religião não seria entendida como algo menor em uma economia, mas parte formadora dela. Abria-se, assim, uma nova dimensão explicativa para o capitalismo^{II}.

É nessa perspectiva que este artigo busca contribuir para o entendimento do estágio atual da economia e da sociedade no Brasil, refletindo sobre a relação entre parte do pensamento religioso existente no país e o modelo econômico que se pretende implementar na gestão econômica do corrente governo. Para isso, serão estudadas as possíveis conexões entre o projeto econômico de Paulo Guedes, o Ministro da Economia do governo Bolsonaro, e a ética econômica formada com base na Teologia da Prosperidade, um pensamento religioso difundido por lideranças de igrejas neopentecostais.

Cabe esclarecer que, como Weber sustenta, o entendimento do capitalismo pode ocorrer sob diferentes prismas, sendo o religioso apenas um deles e, certamente, incapaz de encerrar o tema^{III}. Assim, ao estabelecer uma associação entre o pensamento de Paulo Guedes e a Teologia da Prosperidade, o artigo não tem a pretensão de formar uma explicação definitiva sobre o capitalismo vigente no Brasil. O que se busca é estritamente explorar um dos aspectos que compõem a formação do cenário econômico do país, contribuindo, assim, para a sua compreensão.

A aproximação entre o protestantismo neopentecostal e o bolsonarismo pode ser facilmente observada em diversas ocasiões, uma vez que ambos os movimentos frequentemente assumem uma postura bastante conservadora. Assim, reagem de maneira semelhante, por exemplo, a avanços relacionados aos direitos LGBTs, vistos como ameaças à tradição familiar cristã. Nas pesquisas de avaliação do governo Bolsonaro, muito embora seja expressivo o número de evangélicos que rejeitam o presidente, a avaliação positiva nesse grupo religioso específico costuma estar acima da média apresentada pela população total^{IV}. Um outro exemplo dessa afinidade pode ser observado na indicação de André Mendonça para o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal. Segundo Bolsonaro, a nomeação ocorreu para que houvesse no STF um ministro “terrivelmente evangélico”^V. Nessa perspectiva, dada a familiaridade no campo ideológico, é facilitada a formação de alianças políticas entre Bolsonaro e lideranças ou grupos neopentecostais. Há, inclusive, pastores que se engajam muito enfaticamente na defesa do bolsonarismo, como o Pastor Silas Malafaia, que chega a dividir palanque com Jair Bolsonaro em manifestações políticas.

Neste artigo, pretende-se demonstrar que o vínculo entre os dois movimentos não se restringe a certo posicionamento conservador contra os direitos sociais de grupos específicos, tampouco a eventuais acordos políticos pragmáticos. A afinidade entre bolsonarismo e protestantismo neopentecostal também ocorre na esfera econômica. O modelo neoliberal de política econômica guiado pelo Ministro Paulo Guedes está em consonância com a ética econômica produzida a partir da Teologia da Prosperidade.

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPE SENOS DOS SANTOS

É preciso, ainda, tratar das razões que justificam a escolha do material a ser analisado. Primeiramente, a opção por estudar o pensamento de Paulo Guedes está amparada na posição estratégica em que o economista se encontra. Na História do Brasil, dificilmente será encontrado um ministro que tenha usufruído de uma posição tão destacada na condução da política econômica. Paulo Guedes chefia uma Pasta bastante abrangente – o Ministério da Economia, criado no primeiro dia do governo de Jair Bolsonaro, e que concentra atividades que antes estavam divididas em outros ministérios já muito relevantes, ainda que divididos, como o da Fazenda, o do Planejamento e o do Trabalho. Além disso, o Presidente da República usualmente faz declarações que reforçam o poder de Guedes, na medida em que Bolsonaro prefere evitar uma participação maior no debate econômico e costuma atribuir ao ministro uma grande confiança na gestão da economia. Ainda que seja possível apontar os limites que a conjuntura política estabelece sobre os poderes de Guedes, deve-se admitir que o Ministro não é mero coadjuvante na composição do bolsonarismo, mas o principal responsável pela gestão econômica do governo formado por esse movimento. Assim, o seu projeto econômico torna-se central para que possamos compreender a gestão do capitalismo brasileiro e o seu desenvolvimento durante o governo de Jair Bolsonaro.

Desse modo, este estudo não pretende analisar o pensamento de Paulo Guedes exatamente como acadêmico ou teórico, mas como gestor público. Assim, privilegiam-se as declarações e ações de Guedes enquanto formulador da política econômica do governo de Jair Bolsonaro, ou seja, quando o economista adquire poder e protagonismo na gestão da economia brasileira.

O estudo da Teologia da Prosperidade, por sua vez, ganha importância na análise social do Brasil devido ao crescente número de evangélicos adeptos de religiões neopentecostais, o que pode ser observado no histórico dos censos do IBGE. Se no censo de 1970 apenas 5,2% da população se apresentava como evangélica, no último censo, feito em 2010, esse número havia subido para 22,2%, sendo 13,3% de igrejas pentecostais, 4,0% de igrejas evangélicas de missão e 4,8 de “evangélicos não determinados”^{VI}. Além disso, alguns sacerdotes deste segmento protestante adquiriram notoriedade no debate público brasileiro recente, produzindo um discurso que vai além dos círculos de suas próprias igrejas, já que são bastante participativos nas mídias sociais (internet) e estão presentes em diversos programas de televisão e de rádio. Nesse sentido, optou-se por analisar algumas ideias de duas conhecidas lideranças evangélicas que difundem a Teologia da Prosperidade: o Missionário R.R. Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus; e o Bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus. Através das mensagens desses religiosos, será possível compreender o funcionamento da ética econômica neopentecostal.

Considerando que a afinidade que se pretende demonstrar entre economia e religião está, a rigor, na afinidade entre neoliberalismo e Teologia da Prosperidade, o artigo começa fazendo alguns breves apontamentos sobre esses dois conceitos. Analisadas as relações entre esses dois eixos, estudaremos o caso concreto do capitalismo brasileiro vigente, abordando o projeto econômico de Paulo Guedes e, em seção subsequente, a ética econômica presente nas ideias de R.R. Soares e Edir Macedo.

Ao final, a conclusão, apresentando as reflexões obtidas com a investigação.

O neoliberalismo

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPPE SENOS DOS SANTOS

O conceito de neoliberalismo carrega algumas polêmicas dentro das ciências sociais. A esse respeito, em artigo intitulado “*O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais*”, Daniel Andrade argumenta que, muito embora o conceito seja criticado por estudiosos que o consideram impreciso, ainda é possível utilizá-lo – mais do que isso, é estrategicamente importante, uma vez que pode servir para que lutas sejam articuladas, já que se trata de um termo também utilizado em ambientes não acadêmicos, comumente em abordagens críticas. Em concordância com essa argumentação, o conceito de neoliberalismo será utilizado neste artigo, sobretudo para apontar para um modelo que busca a realização de uma economia de livre mercado, sem maiores atritos com o governo, embora, na prática, acabe se valendo de uma reestruturação de um Estado que segue muito atuante^{VII}.

O historiador Perry Anderson aponta que, diante da crise da década de 1970 – um cenário de estagflação que provocou queda nas taxas de lucros das empresas – o modelo neoliberal foi apresentado como solução. O Estado deveria permanecer forte em alguns aspectos específicos, como no enfrentamento a sindicatos, embora parco nos gastos sociais. Mesmo o desemprego, em determinados níveis, passaria a ser bem aceito^{VIII}.

O enfrentamento ao Estado de bem-estar social e aos sindicatos pode ser entendido como uma tentativa de romper laços de solidariedade construídos historicamente. No lugar da responsabilidade coletiva sobre os problemas sociais, promove-se o individualismo. Essa ideia está presente de maneira bastante explícita no discurso de Vaclav Klaus, primeiro-ministro da República Tcheca na década de 1990, citado por Perry Anderson:

O sistema social da Europa ocidental está demasiadamente amarrado por regras e pelo controle social excessivo. O Estado de bem-estar, com todas as suas transferências de pagamentos generosos desligados de critérios, de esforços ou de méritos, destrói a moralidade básica do trabalho e o sentido de responsabilidade individual. Há excessiva proteção e burocracia.^{IX}

O discurso neoliberal de Klaus aponta para o Estado de bem-estar como o destruidor de um valor que, para ele, seria indispensável: o “sentido de responsabilidade individual”. Desse modo, a atuação do Estado de bem-estar estaria distorcendo o funcionamento do mercado e impedindo que o esforço, o mérito e a ação do indivíduo pudessem sobressair na economia e na sociedade. Em sua avaliação, há um embate entre dois elementos: o controle social e o esforço individual. Nessa perspectiva, o primeiro deve ser enfraquecido para que, assim, o segundo possa prevalecer.

Ainda baseado no artigo de Daniel Andrade, devemos observar que é possível trabalhar a ideia de neoliberalismo segundo diferentes perspectivas – foucaultiana, marxista, bourdieusiana e weberiana. Para este artigo, a abordagem weberiana – vinculada especialmente ao pensamento de William Davies – é importante, uma vez que está preocupada em entender como a racionalidade neoliberal consegue se tornar autoridade política^X. Nesse sentido, é preciso analisar como as ideias de Paulo Guedes conseguem ganhar força política, ao ponto de orientarem o governo brasileiro na gestão econômica – dentre as explicações possíveis, nos concentraremos em aspectos religiosos, ou seja, em como esses aspectos se relacionam e mesmo convergem com a racionalidade econômica neoliberal. Além disso, a abordagem weberiana está preocupada em analisar como os argumentos tecnocráticos se impõem politicamente em detrimento do que é entendido como público, o que também interessa a esta pesquisa, pois a relação do pensamento de Guedes com a promoção de um capitalismo especialmente individualista é investigada.

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPPE SENOS DOS SANTOS

A teologia da prosperidade

O Pentecostalismo é um movimento religioso que acontece no âmbito do cristianismo protestante e tem sua origem nos Estados Unidos do começo do século XX. Em suma, pode-se dizer se difere do protestantismo histórico por acreditar na manifestação do Espírito Santo em vida, o que levaria à cura, a manifestações em línguas desconhecidas, ao discernimento de espíritos e a profecias^{XI}.

A chegada do pentecostalismo no Brasil ocorre com as fundações da Congregação Cristã em São Paulo, em 1910, e da Assembleia de Deus em 1911, no Pará. Já aquilo que se define por neopentecostalismo surge na segunda metade da década de 1970, sendo a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus, em 1977, um importante marco, por ser esta uma das mais destacadas igrejas desse segmento. Para Ricardo Mariano, o neopentecostalismo se distingue do pentecostalismo que já existia no país porque, dentre outras características, apresenta como novidade a defesa da Teologia da Prosperidade^{XII}.

O conceito de neopentecostalismo foi difundido na década de 1990 e é bastante utilizado entre sociólogos. Não raras vezes, é também encontrado em argumentações não acadêmicas. Contudo, chegou a ser questionado em abordagem recente do historiador Bertone Sousa, que prefere utilizar o termo IEP's a designar Igrejas Evangélicas da Prosperidade^{XIII}. Seus estudos, em especial a obra “Fé e Dinheiro – O pentecostalismo da prosperidade e a redefinição do protestantismo no Brasil”, são fundamentais para a compreensão de assuntos relacionados às igrejas evangélicas brasileiras e, assim, serão retomados em outros momentos. No entanto, opta-se neste artigo pelo uso da conhecida expressão “neopentecostalismo”, conceito de Ricardo Mariano que segue sendo bastante proveitoso – em que pesem suas possíveis imprecisões – por demarcar no debate público certo modelo de cristianismo que se pretende abordar.

Podemos entender a Teologia da Prosperidade como uma doutrina que defende a ideia de que “o cristão está destinado a ser próspero materialmente, saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos”^{XIV}. Nesse sentido, a vida terrena do indivíduo é modificada de acordo com a fé, que o levaria a ganhos em diversas ordens – o sucesso financeiro, a restauração de laços familiares, a cura de doenças, etc. Bertone Sousa destaca que a prosperidade desta teologia não se relaciona somente aos ganhos materiais, mas também emocionais, sobretudo nos discursos mais recentes das lideranças religiosas adeptas deste pensamento. Nesse sentido, há uma aproximação da fé cristã com o que ficou conhecido como “autoajuda”, o que se verifica inclusive no mercado editorial^{XV}.

Na Teologia da Prosperidade, as justificativas que se relacionam ao fracasso na vida terrena estão relacionadas à ação do próprio homem, do diabo e das legiões de demônios. “Ora as bênçãos não são alcançadas pela inabilidade do fiel em confessá-las, ora por sua falta de fé, ora pelo pecado ou por sua escravidão a Satanás e, portanto, às maldições por ele enviadas”^{XVI}. Nesse sentido, o modelo econômico vigente não é exatamente um empecilho para o sucesso de um indivíduo – as condições de ordem espiritual e a conduta do cristão que justificam os infortúnios.

Assim, quando analisamos o aspecto econômico da Teologia da Prosperidade, observamos que existe a defesa de que a aliança entre a fé cristã e o esforço individual é determinante para a condição socioeconômica em que se encontra determinada pessoa. Nessa perspectiva, a prosperidade no capitalismo é possível, desde que haja empenho e fé por parte do indivíduo.

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPPE SENOS DOS SANTOS

Relações entre neoliberalismo e teologia da prosperidade no Brasil

É possível estabelecer uma associação entre a difusão da Teologia da Prosperidade e o neoliberalismo. A doutrina religiosa tem sua origem nos Estados Unidos da década de 1940 e se consolida no cenário religioso na década de 1970^{XVII}. As formulações neoliberais, por sua vez, também são elaboradas em grande medida na década de 1940 e ganham força a partir do final da década 1970, no contexto de estagflação que marca o período^{XVIII}.

A convergência temporal entre esses dois processos não é meramente casual, inclusive no caso brasileiro, quando a Teologia da Prosperidade ganha força justamente na década de 1990, um período chave na implementação do neoliberalismo no país^{XIX}.

Para Bertone Sousa, a leitura que as igrejas que aderem à Teologia da Prosperidade fazem da Bíblia é economicista, sobretudo baseadas em trechos do Antigo Testamento que vinculam a felicidade terrena à obediência. O historiador desenvolve:

Tal leitura implicou uma acomodação do protestantismo brasileiro às mudanças socioeconômicas operadas na conjuntura internacional, cujas reverberações foram sentidas neste país com profundos mal-estares, seja pelo aumento do desemprego, arrochos e perdas salariais do último decênio do regime militar e também pelo crescente esgarçamento do poder aquisitivo de amplos contingentes sociais, com o aumento da inflação e a adoção do modelo econômico neoliberal dos anos 1990.^{XX}

O sociólogo François Houtart, que escreve “*Mercado y Religion*”, faz algumas análises que relacionam o campo religioso ao econômico. Ele ressalta que a religião cristã pode ter um caráter progressista em muitos contextos ao longo da História, como se verifica na Teologia da Libertação, encontrada entre setores católicos na América Latina. Contudo, no contexto de avanço do neoliberalismo na região, a Teologia da Libertação vem sendo combatida, assim como ideias religiosas fundamentadas em conceitos de solidariedade. O pentecostalismo que emerge entre camadas mais pobres e marginalizadas, que estariam nessas condições em virtude da expansão do próprio neoliberalismo, em várias regiões da América Latina – o estudo de Houtart está voltado para a religiosidade dessa região – acaba por reunir novos valores, muitas vezes conservadores^{XXI}.

A relação entre neoliberalismo e (neo)pentecostalismo, contudo, não deve se limitar à ideia de que a religião surge como refúgio salvacionista para uma população desamparada. Trata-se, também, de uma reestruturação de parte do protestantismo nas bases da pós-modernidade. Bertone Sousa, assim, define as igrejas neopentecostais como “Instituições religiosas pós-modernas”^{XXII}. Nessa perspectiva, busca encaixar a difusão do neopentecostalismo na história republicana brasileira e, mais do que isso, no contexto da emergência de uma *sociedade individualizada*, conceito de Bauman que serve à sua análise:

Observamos que essa forma de vivência do sagrado, em que pese sua pluralidade de práticas e discursos, consiste em uma entrada compulsória do protestantismo na pós-modernidade, quando se afirma como religiosidade do instantâneo, do fiel que rejeita o sofrimento (ou a permanência nele), para isso compelindo a divindade a suprir suas demandas, quase sempre de ordem emocional e financeira. Ele não pede, negocia; não roga, determina – ele é um sujeito numa *sociedade individualizada*, que usa, na religião, os recursos à sua disposição para continuar competindo e para não perder (ou alcançar) sua autonomia como indivíduo economicamente ativo e afastar as incertezas das oscilações econômicas e do isolamento social.^{XXIII}

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPE SENOS DOS SANTOS

A própria forma de organização das igrejas neopentecostais brasileiras está profundamente conectada com a realidade econômica em que estão inseridas. Assim, as igrejas que professam a Teologia da Prosperidade são comumente geridas como as empresas de seu tempo – inclusive com metas para os pastores e ações de marketing^{XXIV}.

Carolina Dantas de Figueiredo escreve um trabalho interessante a esse respeito, estudando o espírito empreendedor presente na Igreja Universal. A Teologia da Prosperidade serve para alimentar a ideia de empreendedorismo. O estudo demonstra que a igreja estimula a ideia do *self-made man* e a noção de que o indivíduo tem condições de prosperar, de acordo com seus esforços. Os discursos dos pastores aos fiéis apontam para isso acentuadamente.

Estabelecendo um paralelo entre o *self-made man* e o fiel iurdiano encontramos um importante ponto em comum. Dentro dessa perspectiva, qualquer indivíduo inserido na lógica capitalista tem um potencial idílico de acesso a todas as benesses que o sistema pode oferecer, do mesmo modo que o fiel tem direito há tudo que há de melhor no mundo, bastando em ambos os casos disciplina, trabalho e fé para obter o êxito financeiro. Uma vez que tudo que é bom foi feito por Deus, seus filhos têm o direito de reivindicarem sua parte da herança. Tal manifestação se manifesta na certeza de prosperar, que resolve a tensão entre os planos divinos para a vida do seu fiel e o seu desejo individual. O sucesso é ainda fruto do esforço de cada um (sendo este extremamente valorizado na IURD), no entanto alcança-lo depende da vontade divina, ou melhor, da parceria estabelecida com Deus por meio da crença.^{XXV}

Embora a autora não utilize com muita ênfase o conceito de neoliberalismo, a relação com esse modelo socioeconômico se torna evidente na medida em que observamos com alguma frequência o estímulo ao empreendedorismo no discurso neoliberal. Alimenta-se com frequência o sonho de ascender socialmente através dos próprios empreendimentos, ainda que tal realidade seja inconcebível para a maior parte da população.

Há ainda outros estudiosos do tema que vinculam a Teologia da Prosperidade com o neoliberalismo. Em suma, podemos afirmar que a relação ocorre na medida em que os valores disseminados em ambos os casos são convergentes. Esses valores se desenvolvem em torno da ideia de que o indivíduo é capaz de se desenvolver dentro da economia de mercado sem que, para isso, sejam construídos fortes laços sociais voltados para a ideia de solidariedade. O individualismo é visto como um valor positivo e está presente tanto nas ideias de Hayek quanto nas de Bispo Macedo.

O projeto econômico de Paulo Guedes

O Presidente da República Jair Bolsonaro e o Ministro da Economia Paulo Guedes se aproximaram ainda antes da eleição de 2018, quando a candidatura do então deputado federal Bolsonaro começava a ganhar forma. Até então, Guedes tinha uma trajetória profissional muito vinculada ao mercado financeiro – as vezes em que esteve perto de participar da gestão econômica de algum governo acabaram não avançando. Conhecido por apresentar um pensamento bastante ortodoxo, por vezes definido como ultraliberal, o economista acabou encontrando em Bolsonaro a possibilidade de ocupar o mais importante cargo na gestão da economia no Brasil e, assim, colocar suas ideias em prática. O presidente que, por sua vez, sempre demonstrou relativo desinteresse pela questão econômica, agora ganhava um aliado disposto a preencher esta importante lacuna de seu projeto político^{XXVI}.

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPE SENOS DOS SANTOS

Neste artigo, não nos concentraremos nas ideias que Guedes apresentava antes de se tornar um protagonista no projeto de Bolsonaro. Ainda assim, cumpre ressaltar alguns aspectos da trajetória de Guedes, sobretudo intelectual, para que possamos compreender com mais profundidade as raízes de seu projeto.

Doutor pela Universidade de Chicago, Guedes teve em sua formação um forte contato com as teorias econômicas que sustentam o neoliberalismo historicamente, como o pensamento econômico monetarista de Milton Friedman, economista vencedor do Prêmio Nobel e que usufruía de grande prestígio nos departamentos de economia dos Estados Unidos naquele período. Cabe dizer que as ideias liberais, que se tornaram a ortodoxia econômica, tiveram apoio, e mesmo financiamento, de corporações interessadas na difusão de seus princípios e conceitos, conforme demonstra o geógrafo David Harvey^{XXVII}.

Naquele cenário, a Universidade de Chicago era uma referência importantíssima do pensamento econômico liberal. Segundo consta reportagem publicada na Folha de São Paulo em 08 de outubro de 2018, Guedes entrou aos 25 anos naquela universidade como um jovem keynesiano e saiu como “um ultraliberal, um entusiasta do mercado”^{XXVIII}. No processo, chegou a ser aluno do próprio Milton Friedman.

Como professor de Economia, trabalhou na Universidade do Chile na década de 1980, durante o governo ditatorial de Augusto Pinochet. Sua presença no país sul-americano não aconteceu por acaso. O cenário era de implementação das políticas neoliberais que marcaram a ditadura chilena, através da ação dos chamados Chicago Boys – economistas latino-americanos que, a exemplo de Guedes, haviam estudado em Chicago e formado um pensamento econômico liberal^{XXIX}.

Ele também se aventurou em universidades brasileiras, mas sua carreira acadêmica não teve grande destaque, até que passou a se dedicar mais à atuação no mercado financeiro. Foi, por exemplo, fundador do Banco Pactual^{XXX}. De modo geral, podemos dizer que teve uma trajetória acadêmica que lhe preparou intelectualmente para a construção de um pensamento econômico liberal/ortodoxo e atuou profissionalmente vinculado ao capital financeiro.

Suas ideias para o melhor funcionamento da economia no Brasil, em alguns momentos, por vezes chocavam até mesmo pessoas dispostas a concordarem com alguns princípios básicos do neoliberalismo, como as privatizações. Paulo Guedes, segundo a jornalista Malu Gaspar, chega a manifestar a Bolsonaro que o melhor seria que não houvesse nenhuma empresa pública sequer, para espanto do político^{XXXI}.

Em linhas gerais, pode-se dizer que Paulo Guedes acredita nas virtudes do mercado e enxerga o Estado com enorme desconfiança. A rigor, demonstra não acreditar no poder do investimento público, nas empresas estatais, na importância do crédito concedido por bancos públicos (já manifestou o seu desejo de privatizar o Banco do Brasil), no sistema de seguridade social, no estado do bem-estar social, no serviço público ou no planejamento econômico. Qualquer ideia que possa estar associada a um sentimento coletivista, como um sindicato, por exemplo, parece causar repulsa ao ministro, pois distorceria o funcionamento de um mercado que, se desregulado, tenderia a ser virtuoso. A atuação do Estado na redução das desigualdades e na promoção da justiça social não lhe convencem; basta-lhe que o cidadão atue racionalmente e conquiste o que lhe for possível dentro de uma economia de mercado. Admite-se, em algumas circunstâncias, que o Estado atue no combate a problemas sociais, executando programas de transferência de renda, por exemplo. No entanto, tal atuação deve se restringir a casos específicos, em atuação focalizada e dentro de limites orçamentários rígidos. Políticas universais protagonizadas pelo Estado são mal vistas. Assim, o seu pensamento econômico só pode se apoiar em uma concepção individualista de vida humana. Vejamos alguns exemplos de

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPPE SENOS DOS SANTOS

manifestações de Paulo Guedes que demonstrem o raciocínio que se busca defender neste artigo.

No plano de governo de Jair Bolsonaro apresentado no contexto eleitoral de 2018, idealizado em grande medida por Paulo Guedes, notamos um projeto explicitamente neoliberal. A plataforma está intitulada “O Caminho da Prosperidade”, um termo que será repetido inúmeras vezes pelo ministro em seus pronunciamentos, apontando que sua política econômica estaria na direção correta. Segundo Guedes, a expressão tem inspiração em Hayek, autor imprescindível para o pensamento neoliberal, que escreve um livro chamado “Caminho da Servidão”. Em linhas gerais, Hayek tenta demonstrar que o planejamento estatal é algo nocivo ao desenvolvimento social e que a liberdade – entendida como algo fundamental ao ser humano – seria sufocada sempre que ideias coletivistas fossem colocadas em prática. O austríaco defende que o individualismo deve ser compreendido como um valor positivo.

Em suas formulações em torno da ideia de “Caminho da Prosperidade”, Guedes utiliza como contraponto o caso da Venezuela. Em sua avaliação, os venezuelanos fracassaram ao adotarem o socialismo – o planejamento estatal sobre a liberdade dos indivíduos que, a despeito de seus objetivos declarados, resulta no “Caminho da Servidão”, apontado por Hayek. Esse raciocínio está em consonância com uma conhecida argumentação neoliberal: “*there’s no alternative*”, ou seja, caso não sejam aceitas as medidas liberalizantes não pode haver outro cenário senão o de fracasso. Assim, ainda que os governos liberais apresentem políticas que pareçam, a princípio, duras e impopulares, a contraposição a essas medidas não se justifica senão como um posicionamento politicamente irresponsável, irreal ou autoritário.

Há ainda outros episódios em que notamos a influência de Hayek na gestão econômica de Guedes. O jornal O Globo de 10 de setembro de 2020 menciona que foi emitido um documento pelo Ministério da Economia contestando uma notificação que o Ministério da Justiça havia feito a supermercados que estariam praticando preços de alimentos muito elevados^{XXXII}. No documento, consta como epígrafe uma citação de Hayek: “Quanto mais o Estado planeja, mais difícil se torna para o indivíduo traçar seus próprios planos”. A utilização dessa frase em um documento oficial do Ministério da Economia torna-se emblemática neste estudo. Trata-se de uma frase que revela um pensamento econômico para além da questão relacionada à formação de preços, mas aponta para um modelo de Estado. Em poucas palavras, o que se diz é que o Estado não deve fazer muito mais do que não atrapalhar o indivíduo a desenvolver sua trajetória dentro da economia de mercado. Assim, a rigor, a responsabilidade do sucesso ou do infortúnio está associada ao mérito individual, não cabendo ao Estado tarefas maiores que garantam o bem-estar de seu cidadão. Ignoram-se, assim, as limitações impostas pelo capitalismo à grande parte da classe trabalhadora brasileira, que não pode facilmente ascender socialmente ou ter acesso aos bens e serviços como poderia desejar.

Uma última referência de Guedes a Hayek a ser analisada: em discurso realizado em julho de 2019, por ocasião da apresentação do “Novo Mercado de Gás”, ele afirma: “O livro do Hayek é a explicação simples de como o estatismo destrói a capacidade produtiva e a capacidade de iniciativa de um povo. Escraviza a classe política e degenera o regime. Nós provamos um pouco disso aqui também”. Em outro momento, fala em “colocar as forças de mercado a serviço da prosperidade do povo brasileiro”. A utilização da palavra prosperidade, nesse contexto, não poderia ser mais adequada à associação que se deseja fazer entre neoliberalismo e a ética econômica neopentecostal. Às forças de mercado, uma palavra carregada de positividade. Ao “estatismo”, por outro lado, uma associação a ideias negativas, como “destruição” e “escravização”.

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPE SENOS DOS SANTOS

A rejeição de Guedes ao papel do Estado na economia e na sociedade revela um caráter antissocial em seu pensamento. O mercado, por si só, é incapaz de promover direitos aos cidadãos. Assim, a participação do Estado na economia e na sociedade é fundamental para que a justiça social seja promovida.

A economista Celia Lessa Kerstenetzky considera que há uma verdadeira supressão da política social no projeto econômico de Guedes. Em sua avaliação, o ministro propõe medidas que podem ser ordenadas em quatro eixos: a) desregulamentação do trabalho, sugerindo que a precarização de um trabalho sem proteção social facilitaria a contratação de trabalhadores; b) a reforma da previdência; c) a ameaça aos serviços públicos, buscando-se a desvinculação de recursos e o descumprimento de mínimos constitucionais; d) a diminuição do Estado, com encolhimento dos gastos sociais e do número de servidores públicos. Tal projeto aponta para a formação do que a autora considera uma “política social negativa”, o que teria efeitos dramáticos no que diz respeito à desigualdade, além de corroer a integração social que a ação do Estado é capaz de promover^{xxxiii}.

A gestão de Guedes concentra-se fundamentalmente em fazer reformas que diminuam a participação do Estado na economia. Pretende cortar gastos e, assim, reverter o mais rápido possível a situação de déficit fiscal que se apresenta desde o fim do governo de Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores. Nesse sentido, defende uma reforma administrativa que diminua o gasto com servidores públicos (a quem já chamou de “inimigos”). Ocorre que essa visão acaba fragilizando o estado do bem-estar brasileiro que se tentou criar sobretudo a partir do pacto social representado pela Constituição de 1988. A precarização do servidor público deve ser entendida também como a precarização do serviço público. O corte de gastos sociais também caminha nessa direção. Desse modo, as camadas menos abastadas da população encontram-se em desvantagem, pois precisam do Estado para obterem acesso a determinados serviços que, caso precisem se submeter a lógica do mercado privado para consegui-los, dificilmente conseguiriam encontrar.

A reforma da previdência, por sua vez, já foi implementada pelo governo. Defendida por amplos setores das elites brasileiras – partidos, grande imprensa, empresariado –, busca diminuir o gasto público com a previdência social, o que, de acordo com os cálculos de alguns economistas, seria necessário para que as contas públicas sejam sustentáveis.

Dentre as várias versões de reformas da previdência apresentadas no debate público, chama atenção a ousadia da proposta original do Ministério da Economia. Inspirado no modelo chileno, o governo brasileiro buscou implementar no Brasil um sistema previdenciário em que a iniciativa privada tivesse um espaço bastante amplo para atuar. Assim, o direito à aposentadoria estaria em questão, já que o Estado tentaria se eximir de promover esse importante elemento para a garantia da qualidade de vida da população, sobretudo a mais idosa. A proposta de capitalização na previdência é mais um exemplo de submissão de um direito humano à lógica individualista do mercado. Contudo, conforme a proposta avançou no Congresso, sua versão mais severa perdeu força e o texto aprovado, ainda que possua pontos bastante polêmicos, não está exatamente equiparado às pretensões ultraliberais de Guedes.

Muitos outros casos de medidas econômicas ou manifestações do economista estudado poderiam ser mencionadas como exemplos que reforcem a seguinte tese: a expressão econômica do bolsonarismo revela um caráter antissocial, por concentrar-se quase exclusivamente na busca pela diminuição do papel do Estado na economia e na promoção de um mercado voltado para a livre iniciativa. Não há grandes projetos voltados para o combate à concentração de renda, a expansão dos serviços públicos, a proteção dos direitos dos trabalhadores ou a geração de empregos de qualidade. As dificuldades que os cidadãos

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPE SENOS DOS SANTOS

enfrentam devem ser superadas através do esforço de cada indivíduo na economia de mercado, não através de políticas públicas fundamentadas em direitos universais.

Um modelo econômico que siga parâmetros tão individualistas como o apresentado pelo governo Bolsonaro precisaria, assim, ser sustentado por ideias compatíveis com tamanha falta de solidariedade. Estas ideias podem formar uma ética que se alinhe às medidas antissociais e, mais do que isso, ajudem a normalizá-las.

A teologia da prosperidade em Edir Macedo e R.R. Soares

Começaremos analisando algumas ideias apresentadas pelo Bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus. As citações aqui expostas são transcrições de pregações que o líder religioso fez e estão expostas em vídeo no canal oficial do próprio Macedo na internet, precisamente na plataforma *youtube*.

Vejamos este trecho:

Vocês aí que estão com um problema grave. Grave, gravíssimo. Se você depender dos políticos, qualquer que seja o político, você vai continuar na mesma miséria. Se você depender do patrão, você vai continuar na mesma situação. Se você depender do empregado, você vai continuar na mesma situação. Se você depender de si mesmo, quando você depende de si mesmo e toma a atitude certa, faz a escolha certa na sua vida, então você muda essa situação que está aí. Você muda! Você muda com a ajuda da fé, com o poder de Deus. A fé nos faz tomar posse do reino de Deus.

Toda a argumentação apresentada no discurso acima aponta para a solução individual de um grave problema, qualquer que seja ele. Uma solução que estaria ao alcance do cristão, caso ele tenha fé e autoconfiança. O Bispo exclui, assim, a possibilidade de os problemas serem resolvidos no âmbito das políticas públicas – “depende dos políticos”, nesse contexto, pode ser entendido como depender do Estado. Exclui também a possibilidade de se pensar de acordo com os interesses de uma classe – não “depende do empregado ou do patrão”. Os problemas, portanto, perdem sua natureza social, constituindo-se exclusivamente como parte da vida de um indivíduo, ainda que sejam questões de ordem econômica.

Em outra pregação, em vídeo intitulado “Você acredita em si mesmo?”, o Bispo Macedo faz o seguinte discurso:

Sabe quando você vai fazer um negócio e você fala com a pessoa com medo? A pessoa que está querendo comprar o seu produto, ela não vê segurança em você. E eu pergunto: você vai conseguir fazer o negócio? (...) Quando você vai fazer um negócio, quando vai tomar uma atitude em seu benefício, você vai com medo. Por que você vai com medo? Porque faltou a fé. Faltou o espírito da fé. Porque quando a pessoa tem o espírito da fé, ela crê em si própria e crê em Deus. (...) Você já viu alguém acreditar em Deus e não acreditar em si mesmo e conseguir alguma coisa? Não consegue. (...) O seu pensamento, a sua cabeça é que faz você fracassar. Porque você diz pra si mesmo, quando está só: “a minha vida não tem mais jeito, eu já fiz de tudo, já fui ali, já fui acolá, não tem mais jeito.” Quando você acredita que a sua vida não tem mais jeito, você acredita na voz do diabo. E quando você acredita na palavra de Deus, você acredita em Deus. (...) A fé remete você para frente. Não deixa você olhar nem pra direita, nem pra esquerda, muito menos para trás.

Nesse discurso, observamos Edir Macedo defender que a fé e a autoconfiança fazem parte do sucesso no âmbito dos negócios, ou seja, na economia de mercado. A prosperidade,

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPPE SENOS DOS SANTOS

nesse contexto, é perfeitamente alcançável. Os infortúnios, caso aconteçam, são de responsabilidade do indivíduo (“o seu pensamento, a sua cabeça é que faz você fracassar”). O discurso está bastante vinculado ao pensamento apresentado anteriormente que associa a Igreja Universal ao espírito do empreendedorismo.

Um último pensamento desse líder religioso:

Na Bíblia, nós encontramos a pobreza e a riqueza. A bênção e a maldição. Deus, na sua palavra, garante a prosperidade, as suas riquezas para os que obedecem. Mas também os que desobedecem ficarão a zero. Ficarão sob a maldição do inferno.

Essa abordagem também é bastante explícita e elucidativa do que é a Teologia da Prosperidade. Prosperidade e riqueza são objetivos factíveis, alcançáveis para os fiéis – as limitações que a economia de mercado impõe às multidões desprovidas de capital são, no mínimo, negligenciadas. Note-se a força da palavra “garante”, empregada para que não haja dúvida sobre os poderes da teologia defendida e da ação divina na vida do fiel. Cabe ressaltar, ainda, como o religioso trabalha o sentimento de medo em seu discurso, apresentando ao interlocutor um cenário muito trágico caso haja desobediência.

O Missionário R.R.Souares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, foi um dos pioneiros na implementação da Teologia da Prosperidade no Brasil. Em seu discurso, bem como no de fiéis e outros pastores de sua igreja, também se nota a formação de uma ética econômica em que a solução para os problemas do indivíduo - inclusive de ordem financeira – é acessível, desde que sejam seguidas certas práticas religiosas. A Igreja chega a realizar correntes de oração para a obtenção de bens específicos, como acontece na “Corrente da Casa Própria”. Aqui, mais uma vez, ignora-se a natureza social de um problema – nesse caso, o da habitação – para colocá-lo no campo da fé e da ação individual.

Nos cultos de R.R.Souares, não faltam depoimentos de pessoas que alegam terem sido curadas de problemas de saúde através da fé. As orações voltam-se enfaticamente para a solução de questões nessa ordem, inclusive tratando de casos específicos como tendinite ou artrose. A prosperidade financeira, embora apareça em menor medida, também merece destaque.

Nesse sentido, selecionamos um trecho de “Show da Fé”, programa da Igreja Internacional da Graça de Deus transmitido em TV e internet. Nele, há um depoimento em que Severino e Marcia, um casal de Votorantim, São Paulo, alega que as orações fizeram com que prosperassem e ascendessem socialmente. Severino antes era um trabalhador da construção civil que tinha uma vida modesta. Ao dedicar-se não somente ao trabalho, mas também à oração e ao “patrocínio” (ofertas à igreja), o homem consegue crescer profissionalmente e torna-se um empresário vitorioso no ramo. Marcia explica:

Deus foi colocando na nossa vida contratos muito melhores e maiores. Obras que ele (Severino) fazia de uma casa pequena, hoje ele faz obras muito grandes. Essa prosperidade não é só para nós. Somos colunas na casa do Senhor. A nossa prosperidade é a prosperidade da Igreja. Prosperidade da obra do Senhor.^{XXXIV}

O casal se orgulha de ter conseguido construir uma casa confortável para morar, concretizando, assim, um antigo sonho material em virtude da perseverança e da fé. “Toda vez que eu olho para essa casa meu coração se enche de alegria, porque sei que tudo isso é presente do Senhor, é bênção, é projeto de Deus na nossa vida”, diz Márcia.

A exibição desse tipo de história, conhecida no meio neopentecostal como “testemunho”, é importante para que seja formada junto a essa comunidade de cristãos uma

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPPE SENOS DOS SANTOS

ética econômica em que o êxito na economia de mercado é possível, desde que determinada prática religiosa – fazer orações e ofertas, por exemplo – seja seguida.

Vejamos, enfim, um trecho do livro “Mensagens de Vitória”, de R.R.Souares:

Este é o recado do Senhor para você: pare de se chegar a Ele com o coração mentiroso. Não pode ser bem-sucedido aquele que afirma: “Deus, Tu sabes que eu creio”, mas, em seu interior, dá ouvidos à voz de Satanás, a qual diz: “Não vai acontecer”. Expulse essa voz e creia verdadeiramente que a sua vitória é certa, porque Jesus disse: Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei (Jo 14.14). Seu problema é a doença, o casamento que está acabando, são dívidas que se acumulam? Você não consegue realizar-se na vida? Escute o que o Espírito Santo está dizendo: Cheguemo-nos com verdadeiro coração. (...) verá que o Senhor o abençoará.^{xxxv}

Em um típico discurso baseado na Teologia da Prosperidade, os infortúnios ou sucessos são decididos segundo a fé. Não se consideram os aspectos sociais do problema apresentado, ainda que este seja, por exemplo, o acúmulo de dívidas. Não se questionam o mercado, o sistema financeiro ou o governo. A responsabilidade sobre o caso recai exclusivamente sobre o fiel e sua prática religiosa.

Enfim, é importante mencionar que as igrejas neopentecostais vinculam a prosperidade com a oferta, ou seja, com as doações que os fiéis fazem à Igreja. Dessa maneira, a teologia pode ser associada a interesses materiais específicos que as lideranças das igrejas possuem. No entanto, para este estudo, não nos cabe abordar essa questão, tampouco julgar o que é correto em tal perspectiva religiosa. Nosso objeto de estudo concentra-se em estudar os “impulsos práticos de ação que se encontram nos contextos psicológicos e pragmáticos das religiões”^{xxxvi}, ou seja, a formação da ética econômica formada no âmbito do neopentecostalismo.

Conclusão

Se por um lado a ética puritana, em Weber, se compatibilizava com o desenvolvimento do tipo de capitalismo de seu tempo, podemos observar que a ética neopentecostal é compatível com o capitalismo neoliberal. A chave para esse processo reside nas ideias da Teologia da Prosperidade, um pensamento religioso que produz uma ética econômica voltada para o individualismo e para a crença no alcance da prosperidade na economia de mercado.

Essa ética religiosa e econômica pode resultar em impactos bastante negativos para os estamentos menos abastados. Ao ressaltar a ação individual, cria-se a noção de que o Estado, em algum grau, pode se eximir da necessidade de oferecer à população um sistema de proteção e de bem-estar social, já que a prosperidade é alcançável dentro da economia de mercado aos que se dispuserem a isso. Não é preciso, desse modo, que pastores ou fiéis defendam explicitamente reformas de caráter neoliberal, como a da Previdência. Uma ética religiosa individualista já é, por si só, uma formulação positiva para os propósitos de Guedes e ajuda a legitimar suas decisões tecnocráticas, na medida em que esvaziam o caráter social e político dos problemas que os trabalhadores enfrentam. Nessa perspectiva, partidos, movimentos sociais ou sindicatos tornam-se inócuos na defesa dos trabalhadores. O empenho e a fé são armas suficientemente eficazes para que um indivíduo prospere na economia de mercado. Assim, é reforçada a própria ideia de virtuosidade do mercado, uma vez que tal sistema é apresentado como um campo onde as oportunidades de êxito estão abertas.

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPE SENOS DOS SANTOS

No entanto, ao analisarmos a história do capitalismo, observamos que a desigualdade e as opressões de diversas ordens são, a rigor, combatidas através de lutas sociais que se pretendem coletivas. Assim, uma ética que superestime o papel do indivíduo na solução dos problemas sociais tende a ser muito conservadora, mesmo por negar que os problemas sejam de fato sociais.

No Brasil, o sucesso da Teologia da Prosperidade, embora tenha começado na década de 1970, ganha ainda mais força nos anos recentes. Cresceu, inclusive, durante governos considerados de esquerda, como os de Lula e Dilma. A esse propósito, cabe mencionar que a inauguração do Templo de Salomão, da Igreja Universal, contou com a participação das autoridades políticas de então, de diferentes abordagens partidárias, como Fernando Haddad, Geraldo Alckmin e Dilma Rousseff^{XXXVII}. Naquela ocasião, o Bispo Edir Macedo, em seu discurso, mais uma vez proferiu ideias que podem ser identificadas com a Teologia da Prosperidade.

Portanto, não se pode cair no reducionismo de afirmar que o neopentecostalismo, com sua ética econômica, só poderia ter florescido em uma administração bolsonarista. A Teologia da Prosperidade vem de tempos anteriores, mesmo porque, nesses outros tempos, o ideário neoliberal já se fazia presente em algum nível. Além disso, as alianças entre lideranças políticas e religiosas também aconteciam antes de Bolsonaro – por exemplo, o bispo Marcelo Crivella, da Igreja Universal, foi ministro de Dilma Rousseff.

Contudo, parece ser ainda maior a compatibilidade do neopentecostalismo com o neoliberalismo de Guedes e Bolsonaro, já que nesse cenário acontece uma exacerbação do individualismo na elaboração das propostas econômicas. Essa informação é importante para que possamos refletir sobre o estabelecimento da autoridade que o discurso neoliberal pode adquirir. Nos setores da sociedade em que a Teologia da Prosperidade estiver presente, a compatibilidade com o neoliberalismo o torna mais palatável, ainda que suas medidas sejam especialmente duras entre os mais pobres.

A pesquisa demonstra, portanto, que o alinhamento de setores evangélicos com o bolsonarismo não deve se resumir ao conservadorismo vinculado a questões de gênero ou orientação sexual – essas já bastante conhecidas e exploradas popularmente como “pauta dos costumes”. Embora esses temas ganhem bastante projeção, deve-se ressaltar que a correspondência de pensamentos pode ser ainda mais profunda, apresentando-se também na esfera econômica.

É importante mencionar, entretanto, que nem todo o cristianismo produz esse tipo de ética. Ainda assim, não se pode menosprezar o impacto do neopentecostalismo na sociedade brasileira contemporânea, tanto pela quantidade de fiéis que se identificam com este segmento, quanto pela influência que suas ideias conseguem ter em ambientes que vão além dos templos religiosos, como os canais de televisão, as mídias sociais, as estações de rádio e o ambiente familiar.

Portanto, a investigação apresentada nesta pesquisa apresenta a ética neopentecostal como conservadora do ponto de vista socioeconômico. Menospreza-se o caráter social e político dos problemas materiais dos trabalhadores. Além disso, alimenta-se um sonho de prosperidade alcançável em um modelo econômico que, a rigor, tende a ser excludente. Essa perspectiva acaba por esvaziar as demandas dos trabalhadores enquanto classe, bem como encurta o seu horizonte de conquistas e direitos.

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPE SENOS DOS SANTOS

^I Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista da CAPES.

^{II} WEBER, M. *Ensaio de Sociologia*. Trad. Waltencir Dutra. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1982.

^{III} *Ibidem*, p.310.

^{IV} A esse respeito, conferir as pesquisas de avaliação de governo de PoderData. Em pesquisa realizada entre 11 e 13 de outubro de 2021, por exemplo, apenas 29% dos entrevistados considerava o trabalho de Bolsonaro bom ou ótimo. Considerando-se apenas os entrevistados evangélicos, contudo, esse percentual de aprovação sobe para 45%.

^V FURONI, E. Bolsonaro cita “terrivelmente evangélico” e parabeniza Mendonça no STF. *CNN Brasil*, São Paulo, 01 dez. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-cita-terrivelmente-evangelico-e-parabeniza-mendonca-no-stf/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

^{VI} SOUSA, B. *Fé e dinheiro: O pentecostalismo da prosperidade e a redefinição do protestantismo no Brasil*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015, p.56.

^{VII} ANDRADE, D. P. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. *Sociedade E Estado*, 34(01), 211-239, 2019.

^{VIII} ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E.; GENTILI, P. (Orgs.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*, p. 9-23. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

^{IX} *Ibidem*, p.19.

^X ANDRADE, D. P. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. *Sociedade E Estado*, 34(01), 211-239, 2019.

^{XI} MARIANO, R. Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. *Novos Estudos* (44), 24-44, 1996.

^{XII} *Ibidem*.

^{XIII} SOUSA, B. *Fé e dinheiro: O pentecostalismo da prosperidade e a redefinição do protestantismo no Brasil*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015.

^{XIV} MARIANO, R. Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. *Novos Estudos*. (44), 1996, p.26.

^{XV} SOUSA, B. *Fé e dinheiro: O pentecostalismo da prosperidade e a redefinição do protestantismo no Brasil*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015.

^{XVI} MARIANO, R. Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. *Novos Estudos* (44), 1996, p.30.

^{XVII} *Ibidem*.

^{XVIII} HARVEY, D. *O Neoliberalismo: História e Implicações*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2008.

^{XIX} SOUSA, B. *Fé e dinheiro: O pentecostalismo da prosperidade e a redefinição do protestantismo no Brasil*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015.

^{XX} *Ibidem*, p.23.

^{XXI} HOUTART, F. Mercado y religión. 2001. Disponível em: http://www.deicr.org/IMG/pdf/mercado_y_religion-hourtart.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022.

^{XXII} SOUSA, B. *Fé e dinheiro: O pentecostalismo da prosperidade e a redefinição do protestantismo no Brasil*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015, p.59.

^{XXIII} *Ibidem*, p.111.

^{XXIV} *Ibidem*.

^{XXV} FIGUEIREDO, C. D. *O espírito empreendedor na Igreja Universal do Reino de Deus: As representações sociais sobre empreendedorismo*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco), 2007, p.44. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9585>.

^{XXVI} GASPARGASPAR, M. O fiador. *Revista Piauí*, 144. Set. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-fiador/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

^{XXVII} HARVEY, D. *O Neoliberalismo: História e Implicações*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2008.

^{XXVIII} MENA, F. Economista de Bolsonaro, Paulo Guedes viveu mudança radical em Chicago. *Folha de São Paulo*. 09 abr. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/10/economista-de-bolsonaro-paulo-guedes-viveu-mudanca-radical-em-chicago.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2022.

^{XXIX} GASPARGASPAR, M. O fiador. *Revista Piauí*, 144. Set. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-fiador/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

^{XXX} *Ibidem*.

^{XXXI} *Ibidem*.

^{XXXII} CORREA, M. Equipe de Guedes cobra explicações do Ministério da Justiça por notificar supermercados. *O Globo*. 10 de set. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/equipe-de-guedes-cobra-explicacoes-do-ministerio-da-justica-por-notificar-supermercados-24633546>. Acesso em: 11 jan. 2022.

FÉ NO INDIVÍDUO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PROJETO ECONÔMICO DE PAULO GUEDES E A ÉTICA NEOPENTECOSTAL

FILIPPE SENOS DOS SANTOS

^{xxxiii} Kerstenetzky, C.L. Sem coração nem cabeça: a política social negativa de Paulo Guedes. *Instituto Humanitas Unisinos*. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/590757-sem-coracao-nem-cabeca-a-politica-social-negativa-de-paulo-guedes>. Acesso em: 11 jan. 2022.

^{xxxiv} MISSIONÁRIO R.R. SOARES. Severino recebe a bênção da prosperidade. Youtube, 06 de outubro de 2020. 1 vídeo (03:41 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OyYkD1W3hoM>. Acesso em: 11 jan. 2022.

^{xxxv} SOARES, R.R. *Mensagens de Vitória*. Rio de Janeiro, RJ: Graça, 2013, pp. 21-22.

^{xxxvi} WEBER, M. *Ensaio de Sociologia*. Trad. Waltencir Dutra. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1982. p.309.

^{xxxvii} SOUSA, B. *Fé e dinheiro: O pentecostalismo da prosperidade e a redefinição do protestantismo no Brasil*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, D. P. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. *Sociedade E Estado*, 34(01), 211-239. 2019. doi: 10.25091/s01013300201900010006
- HAYEK, F. *O caminho da servidão*. São Paulo, SP: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.
- HARVEY, D. *O Neoliberalismo: História e Implicações*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2008.
- HOUTART, F. *Mercado y religión*, 2001. Disponível em: http://www.deicr.org/IMG/pdf/mercado_y_religion-hourtart.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022.
- MARIANO, R. Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. *Novos Estudos*. (44) 24-44, 1996.
- SOUSA, B. *Fé e dinheiro: O pentecostalismo da prosperidade e a redefinição do protestantismo no Brasil*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015.
- WEBER, M. *Ensaio de Sociologia*. Trad. Waltencir Dutra. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1982.